

Si de Vi
M. do Il. do - 37

Rubem Braga

6. 6. 69

Viúva na Praia

IVO viu a uva; eu vi a viúva. Ia passando na praia, vi a viúva, a viúva na praia me fascinou. Deitei-me na areia, fiquei a contemplar a viúva.

O entérro passara sob a minha janela; o morto eu o conhecera vagamente; no café da esquina a gente se cumprimentava às vezes, murmurando «bom dia»; era um homem forte, de cara vermelha; às poucas vezes que o encontrei com a mulher ele não me cumprimentou, fazia que não me via; e eu também. Lembrou-me de que uma vez perguntei as horas ao garçom, e foi aquêle homem que respondeu; agradei; êste foi nosso maior diálogo. Só ia à praia aos domingos, mas ia de carro, um «Citroen», com a mulher, o filho e a barraca, para outra praia mais longe. A mulher ia às vezes à praia com o menino, em frente à minha esqui-na, mas só no verão. Eu passava de longe; sabia quem era, que era casada, que talvez me conhecesse de vista; eu não a olhava de frente.

A morte do homem foi comentada no café; eu sou-be, assim, que êle passara muitos meses doente, sofre-ra muito, morrera muito magro e sem côr. Eu não dera por sua falta, nem soubera de sua doença.

E agora estou deitado na areia, vendo a sua viúva. Deve uma viúva vir à praia? Nossa praia não é nenhuma festa; tem pouca gente; além disso vamos supor que ela precise trazer o menino, pois nunca a vi sózinha na praia. E seu maiô é preto. Não que o tenha comprado por luto; já era preto. E ela tem, como sempre, um ar decente; não olha para ninguém, a não ser para o me-nino, que deve ter uns dois anos.

Se eu fôsse casado, e morresse, gostaria de saber que alguns dias depois minha viúva iria à praia com meu filho — foi isso o que pensei, vendo a viúva. É bem bonita, a viúva. Não é dessas que chamam a atenção; é discreta, de curvas discretas, mas certas. Imagino que deve ter 27 anos; talvez menos, talvez mais, até 30. Os cabelos são bem negros; os olhos, são um pouco amendoados, o nariz direito a boca um pouco dentucinha, só um pouco; a linha do queixo muito nítida.

Ergueu-se, porque, contra suas ordens, o garôto voltou a entrar n'água. Se eu fôsse casado, e morresse, talvez ficasse um pouco ressentido ao pensar que, alguns dias depois, um homem — um estranho, que mal conheço de vista, do café — estaria olhando o corpo de minha mulher na praia. Mesmo que olhasse sem impertinência, antes de maneira discreta, como que dis-traído.

Mas eu não morri; e eu sou outro homem. E a idéia de que o defunto ficaria ressentido se acaso imaginasse que eu estaria aqui a reparar no corpo de sua viúva, essa idéia me faz achá-lo um tólo, embora, a rigor, eu não possa lhe imputar essa idéia, que é minha. Eu es-tou vivo, e isso me dá uma grande superioridade sobre êle.

Vivo! Vivo como êsse menino que ri, jogando água no corpo da mãe que vai buscá-lo. Vivo como essa mu-lher que pisa a espuma e agora traz ao colo o garôto já bem crescido. O esforço faz-lhe tensos os músculos dos braços e das coxas; é bela assim, marchando com a sua carga querida.

Agora o garôto fica brincando junto à barraca e é ela que vai dar um mergulho rápido, para se limpar da areia. Volta. Não, a viúva não está de luta, a viúva está brilhando de sol, está vestida de água e de luz. Respira fundo o vento do mar, tão diferente daquele ar triste do quarto fechado do doente, em que viveu meses. Vendo seu homem se banhar; vendo-o decair de sua glória de homem forte de cara vermelha e de seu império de homem da mulher e pai do filho, vendo-o fraco e lamentável, impertinente e lamurioso como um menino, às vezes até ridículo, às vezes até nojento...

Ah, não quero pensar nisso! Respiro também pro-fundamente o ar limpo e livre. Ondas espocam ao sol. O sol bilha nos cabelos e na curva de ombro da viúva. Ela está sentada, quieta, séria, uma perna estendida, outra em ângulo. O sol brilha também em seu joelho. O sol ama a viúva. Eu vejo a viúva.